



Revista Latinoamericana de Psicopatologia
Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologiafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em
Psicopatologia Fundamental
Brasil

Costa Pereira, Mário Eduardo

Entrevista com Elisabeth Roudinesco

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. IV, núm. 2, junio, 2001, pp. 173-177

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017668013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Entrevista com Elisabeth Roudinesco*

Mme. Roudinesco, segundo a senhora, qual é a importância dos Estados Gerais para o futuro da psicanálise, quando se considera todas as dificuldades que essa disciplina enfrenta atualmente?

Eu não sei qual será o futuro desses Estados Gerais, pois penso que o que é realmente muito importante é o próprio evento, que foi percebido como algo novo. Pela primeira vez, em Paris, num enfoque inteiramente universalista e com referência aos Estados Gerais de 1789, e não à nação francesa, digamos, à nação francesa enquanto se trata da soberania do povo. Aqui é a soberania do povo dos psicanalistas.

Mostramos que é possível reunir todos os países do mundo e, sobretudo, todas as correntes da psicanálise. Há aqui pela primeira vez: IPA, lacanianos, não lacanianos... de onde, aliás, o caráter difícil. Trinta e três países é algo enorme. Portanto, penso que René Major quis – e também eu mesma, uma vez que participamos juntos [da organização dos Estados Gerais] – foi criar um acontecimento. De forma alguma fundar uma nova Internacional ou uma nova associação, mas fazer um acontecimento. Ou seja, que a plataforma “Estados Gerais” pudesse ser apreendida, de alguma maneira, por outros, para poder recomeçar esse acontecimento. Esse evento teve um impacto muito, muito forte aqui [na França], uma vez que atraiu a imprensa, e notadamente porque obtivemos a primeira página do jornal *Le Monde* e, em particular, graças à colaboração de Jacques Derrida ao qual presto uma grande homenagem, pois Jac-

* Concedida a Mário Eduardo Costa Pereira, em Paris, no dia 9 de julho de 2000, com tradução de Maria Vera Pompêo de Camargo Pacheco.

ques Derrida é um amigo da psicanálise. Eu sei que os psicanalistas o criticam muito... No fundo, ele é o herdeiro de Foucault, Lacan, mesmo existindo certamente divergências, mas ele é o herdeiro de toda uma tradição de filósofos que levaram em conta o saber psicanalítico e que não o repetem como uma missa, ou como um dogma. Portanto, um grande agradecimento a Jacques Derrida por esse apoio.

O objetivo efetivamente é o de mostrar, como aliás eu digo em meu próprio texto [apresentado na abertura dos Estados Gerais], que não existe soberania única. E, ao mesmo tempo, nós não criticamos nenhuma das sociedades internacionais. Penso que é preciso criticarmos os integrismos, as discriminações, as ditaduras; há um mínimo que a psicanálise, enquanto disciplina, deve criticar. Julgo também, ao escutar um certo número de lacanianos – os quais têm total “direito de cidadania”, sem qualquer problema e eu mesma sou lacaniana – que é preciso efetivamente, eu digo isso em meu texto, criticarmos também os dogmas da própria psicanálise. Mas não devemos nos iludir quanto a isso: os dogmas existirão sempre.

A senhora falava há pouco de Jacques Derrida. Há alguns anos houve um evento muito importante aqui mesmo em Paris, do qual ele participou, sobre os trinta anos da História da loucura, de Michel Foucault...

Foi em 1991.

Sim, em 1991. O que a senhora pensa que Michel Foucault teria ainda a nos dizer nesse momento em que a questão do sofrimento psíquico é reduzida ao mesmo plano que uma disfunção social?

Ah! Michel Foucault permanecerá ainda, apesar de tudo, como o grande pensador de vanguarda, cujas previsões foram realizadas: a comunidade dos homossexuais, a liberação das minorias, uma outra maneira de pensar a loucura. De fato, nós podemos nos servir novamente de Michel Foucault, de sua crítica do quadro nosográfico clássico, mas de uma outra forma, criticando aquilo que tornou-se justamente a ausência do quadro nosográfico e a redução da psiquiatria a um comportamento-cognitivista.

É sobretudo isso o que eu vejo e não gostaria de valorizar agora o que nós criticamos há 30 anos sobre a classificação da psiquiatria, dizendo que a psiquiatria de ontem era melhor do que a de hoje. Digamos que enquanto ela foi alimentada pela psicanálise, a psiquiatria preservava seu caráter muito humano, com a crítica que era necessário fazer, que são aquelas de Michel Foucault, mas as de Michel Foucault, como crítica, eram em parte inspiradas pela descoberta freudiana, ainda que ele criticasse a psicanálise. É por isso que eu o citei em minha entrevista. Michel Foucault mostrou muito bem como Freud rompeu com o essencial das teorias de seus predecessores. Em seguida, Michel Foucault criticou, com razão, o dogmatismo psicanalítico. E existe, aliás, um dogmatismo de Foucault, que podemos criticar, mas...

E existe mesmo um fundamentalismo foucaultiano, não?...

Com certeza! Sabe, eu penso que toda grande teoria fabrica dogmas. Há também o dogmatismo derridiano, feito pelos alunos de Derrida. Portanto, quanto maior e mais importante for uma teoria, mais ela produz dogmas. Portanto, cabe a ela mesma criticar seus próprios dogmas. O kleinismo produziu dogmas. Então acredito que vivemos numa época em que chegamos ao auge da desumanização da psiquiatria, e a psicanálise tem muito a dizer e nesse ponto é preciso voltar a Lacan. Em breve celebrar os 20 anos da morte de Lacan e também o centésimo aniversário de seu nascimento. Creio que é urgente reler Lacan, rever um pouco sua contribuição magistral que, aliás, já dizia em 45 que seria preciso humanizar os criminosos, seria preciso humanizar os loucos. Portanto, no fundo todos esses clássicos devem ser relidos, mas não com um espírito de capela e de dogma. E esse deve ser o espírito desses retornos.

Quanto ao sofrimento psíquico, penso efetivamente que a psicanálise deve ir buscar o terreno da psicoterapia e não fazer declarações peremptórias contra a psicoterapia. Por outro lado, deve-se fazer declarações peremptórias e extremamente rigorosas contra todas as formas de desumanização, isto é, o comportamentalismo, o cognitivismo, o que há de ocultismo nas psicoterapias e creio que manter o rigor de seus conceitos, em especial o de inconsciente. Mas não insistir em declarações peremptórias de guerra contra as psicoterapias porque nós temos de nos confrontar com o ambiente das psicoterapias no mundo.

A esse propósito eu tenho uma pergunta específica: na semana passada o presidente Clinton anunciou oficialmente ao mundo a conclusão dos estudos sobre a sequência dos pares de base constituintes do genoma humano. O acontecimento é tanto mais significativo se levarmos em conta que até aquela data todos os comunicados do governo americano concernentes ao projeto genoma humano haviam sido feitos por Al Gore, seu vice, e em plena campanha presidencial. Apesar disso, coube a Clinton a responsabilidade dessa declaração histórica. Ou seja, o que está em jogo é tratado como algo de grande importância. De seu ponto de vista, qual será o papel da genética nas concepções e nas ideologias – sobretudo nas ideologias – sobre o sofrimento psíquico dos próximos anos?

Primeiramente quero dizer que assinei uma petição que foi lançada por um deputado francês, um deputado de direita, liberal, Jean-François Mattei, contra o patenteamento do genoma, ou seja, contra a comercialização das descobertas, o que me parece importante.

Bem, no que concerne à minha posição sobre a genética, a esse respeito sempre fui muito clara: eu sempre fui a favor da ciência e da verdadeira ciência. Não do “cientificismo”. Ou seja, não me coloco ao lado da redução cientificista do sujeito. Mas especificamente quanto à genética, não sei o que haverá, o que ela trará. O que

eu sei, em todo caso, é que ela trará algo que certamente não será a redução do sujeito apenas ao genético.

E a senhora pensa que os psicanalistas devem participar de grupos comuns, com geneticistas e outros?...

Sob a condição de não liquidar sua doutrina. Sob a condição de não ser o vassalo do “cientificismo”, ou seja, o vassalo dos “cientistas” que pretendem tudo explicar pelo orgânico e pelo genético. O que é nossa tendência. Os psicanalistas devem trabalhar com os verdadeiros cientistas, mas de forma alguma ao custo da liquidação de sua própria teoria.

Mesmo na construção de modelos que permitam operar uma clínica ou pensar novas vias de pesquisa?

Não, eu acharia preferível para os psicanalistas – o que é válido também para o Brasil – que fizessem estudos literários e filosóficos em vez de se centrarem em modelos de ciência que não correspondem em absoluto ao que é a psicanálise. Temos um modelo de ciências humanas: ele é perfeitamente válido. Isso significa que o modelo experimental das ciências da natureza não convém à psicanálise. É necessário que isto esteja claro; eu sempre fui contra e isso não quer dizer que tudo seja cientificismo. Portanto, a colaboração com os homens de ciência: sim; a adesão a modelos cientistas, enfim, a modelos experimentais – muito válidos em ciências – mas que não correspondem ao que convém à psicanálise, isso não dá. E cada vez que a psicanálise quis tomar emprestado modelos que não lhe convinham, ela suicidou-se.

Bem, a senhora falava da questão literária e nós festejamos atualmente os 400 anos de Hamlet. O que Hamlet tem ainda a dizer à psicanálise?

Bem, o que se pode dizer efetivamente é que Freud colocou duas etapas na questão da tragédia humana, ou seja, Édipo, tragédia do destino e Hamlet, tragédia da consciência. São duas grandes figuras míticas da psicanálise, é indiscutível.

Bem, para terminar: nós assistimos atualmente no Brasil e em toda a América Latina um vigor expressivo da produção em psicanálise, seja na pesquisa, na experiência clínica, nas universidades etc. A que fatores podemos atribuir essa expansão da psicanálise?

No Brasil?

No Brasil.

Eu sempre disse... ela continua a ser ensinada nas universidades e isso me parece muito importante. E eu diria que o defeito é que hoje sejam essencialmente os psicólogos que se tornam psicanalistas. Isso ocorre em todos os lugares do mundo

e não somente no Brasil. Eu gostaria que houvesse, em continuação, o ensino de psicanálise no campo literário, filosófico e que não fossem apenas os psicólogos a se tornarem psicanalistas. Mas ela deve sua força e seu impacto ao fato de ser ensinada realmente na universidade, quer dizer, em departamentos de psicologia, nos quais seu ensino está em regressão na Europa, o que digo também em meu relato. Isso é válido também para a Argentina.

Observa-se isso na Europa? Uma diminuição do espaço da psicanálise...

Na universidade, mas não em outros lugares. Nas universidades, mas não nas instituições. Tudo o que não é feito nas universidades é preenchido pelas instituições.

Mas a senhora pensa que, no futuro, isso poderá constituir um problema para a prática da psicanálise, no que se refere ao Estado?

Não, eu acredito que todos os países tomaram decisões de Estado, isso conduziu a liquidar a psicanálise. No estado atual das coisas vai haver um estatuto de psicoterapeutas, e bem, os psicanalistas vão se arranjar com as psicoterapias, como se arranjaram com os psiquiatras e a medicina. É a continuação do que aconteceu anteriormente. Mas não haverá um estatuto profissionalizante. Isso me espantaria... A menos que os psicanalistas o solicitem. Mas eu creio que o Estado responderá "não". Eles são mais razoáveis do que os psicanalistas...